

Família Dehoniana

#21 ^{dezembro} 2018

Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

a abertura



Caros Irmãos e Irmãs

O presente número da NL da Família Dehoniana em Portugal, para além dos habituais conteúdos, quer levar a todos votos de Santo e Feliz Natal. Como escreve o Padre Dehon, “vamos e adoremos o humilde menino do presépio... Este menino é o nosso Salvador; vamos com os pastores, adoremos o nosso soberano e o nosso Deus; exprimamos o nosso amor e o nosso reconhecimento a este Salvador escondido sob os véus da infância.” Com os votos de Santo e Feliz Natal vão também os votos de Bom Ano Novo, um Ano em que os nossos projetos e procuremos “responder ao amor com amor e reconhecimento”, como propõe o Fundador.

Destacamos duas reflexões interessantes do Pe. José Domingos Ferreira, SCJ, sobre “O mistério da Criação” e sobre “Reparar o dano causado pelo pecado”. São dois temas a meditar no início do novo ano litúrgico e no começo do novo ano.

Continuamos a apresentar o Padre Dehon através dos seus escritos. Já fizemos referência à meditação. Certamente interessante, pela sua permanente actualidade, é o escrito sobre a família, “charneira da sociedade”. Prosseguimos a apresentação de textos das suas Memórias (Notes sur l’histoire de ma vie) onde notamos a sensibilidade do Fundador para temas bíblicos, mas também para os históricos, artísticos e culturais.

Várias notícias dão-nos conta da vida e actividades de alguns grupos da Família Dehoniana. Entre essas notícias, destacamos as referentes às actividades missionárias do grupo de Antigos Alunos do Seminário Padre Dehon e a que nos fala do cinquentenário da presença da Companhia Missionária em Moçambique, bem como a do quadragésimo aniversário do início da Escola APEL, no Funchal.

Neste Ano Missionário, vamos apresentar os missionários da Província já falecidos. Começamos pelo Pe. José Diomário Gonçalves, uma pessoa discreta, simples, mas importante nos inícios do Seminário Padre Dehon e, durante 48 anos, na missão dehoniana em Moçambique.

Para todos, renovamos os votos de um Santo e Feliz Natal, com um Ano Novo cheio das bênçãos do Senhor, e em que todos possamos crescer no amor ao carisma herdado do Padre Dehon.

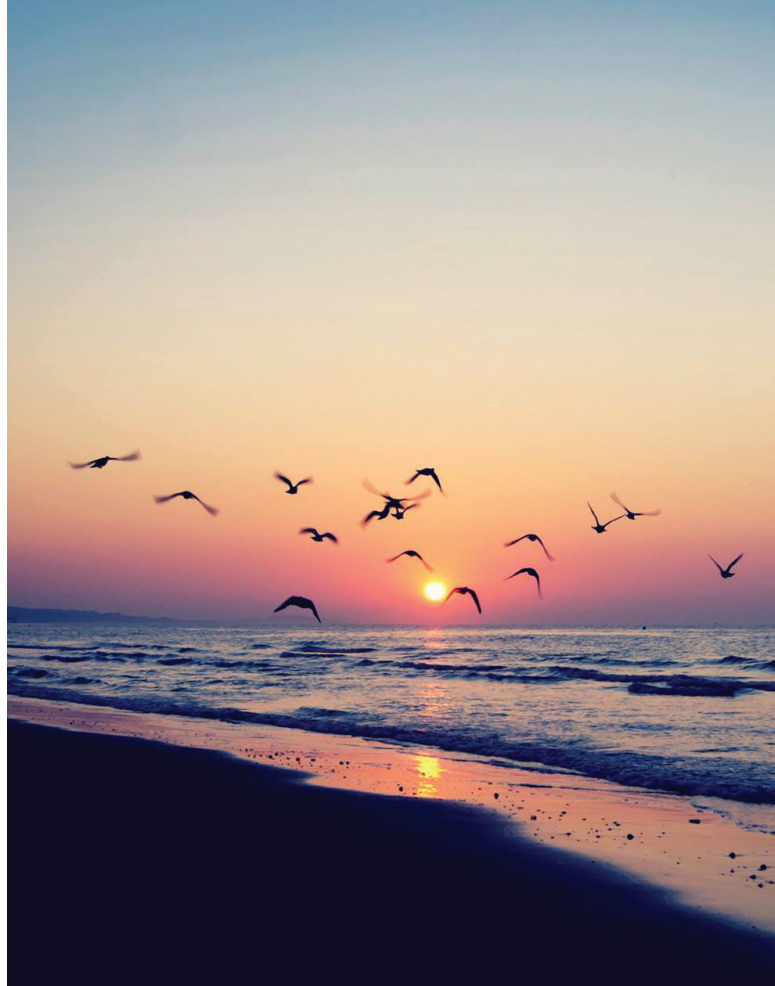
P. Fernando Fonseca, scj
Coordenador Nacional

O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO

A criação é algo mais que a natureza, porque remete para o «projecto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado». Há uma maior densidade espiritual, dado que a criação se concebe sempre «como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal» (LS 76). É um caminho que possibilita «pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece» (LS 79).

Com efeito, estamos habituados a afirmar que Deus criou o mundo a partir do nada (ex nihilo), o que, num determinado sentido, encerra algo de verdadeiro. No entanto, o fundamental não é a afirmação do poder de Deus ou a defesa da sua liberdade absoluta. O essencial é afirmar que Deus criou o mundo por amor (ex amore): «o universo não apareceu como resultado duma onipotência arbitrária, duma demonstração de força ou dum desejo de auto-afirmação. A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação» (LS 77). Por isso, «todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus» (LS 84).

É precisamente porque a criação é fruto do amor de Deus e nela «cada criatura é objecto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo», que «das obras criadas se pode subir à amorosa misericórdia» (LS 77) de Deus. Da mesma forma que um artista se esconde sempre na sua obra, a ponto de através desta se chegar ao seu artífice, assim também pela criação se pode intuir algo do seu Criador. Toda a natureza é então um



livro aberto, que nos fala de Deus em todos os seus detalhes e subtilezas. Na medida em que «nenhuma criatura fica fora desta manifestação de Deus», a criação converte-se numa «contínua revelação do divino», pelo que a sua contemplação «permite-nos descobrir qualquer ensinamento que Deus nos queira transmitir através de cada coisa, porque, para o crente, contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa» (LS 85).

Uma vez mais, Jesus apresenta-se como o protótipo desta relação harmoniosa com a obra saída das mãos de Deus. Diz o papa Francisco que «Jesus vivia em plena harmonia com a criação, com grande maravilha dos outros. Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Encontrava-se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria, as realidades deste mundo» (LS 98).

Somos convidados a redescobrir a natureza neste seu estreito vínculo com o Senhor de todas as coisas. A biodiversidade - tão ameaçada e ferida nos nossos dias - é a grande sinfonia orquestral que não só exprime a extraordinária criatividade divina, mas também canta os louvores agradecidos do Criador...

José Domingos Ferreira, scj

REPARAR O DANO CAUSADO PELO PECADO

As narrações bíblicas assinalam que «a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra». Deste modo, afirma-se que nenhum ser humano é uma ilha e ninguém vive para si mesmo. Não há lugar para a auto-referencialidade nem para uma hipocondria espiritual, atitude de quem só se ocupa e preocupa consigo e com o seu bem-estar.

A Bíblia acrescenta que «estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado». Esta fractura, que levou à destruição daquela harmonia primordial entre o Criador, a humanidade e a criação, teve a sua origem na pretensão humana de «ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecermo-nos como criaturas limitadas» (LS 66). Com toda a naturalidade, ao querer ocupar o lugar de Deus e esquecer que Ele é o criador, acabamos «por adorar outros poderes do mundo, ou colocamo-nos no lugar do Senhor, chegando à pretensão de espezinhar sem limites a realidade criada por Ele» (LS 75). A história da humanidade de todos os tempos tem assistido à repetição contínua e sempre renovada desta tentativa humana de usurpação do trono divino. Parece que temos dificuldades em aceitar e reconhecer que Deus é o senhor da criação e, a cada passo, apresentamos substitutos...

O pecado acarreta a distorção «do mandato de dominar a terra (Gn 1,28) e de a cultivar e guardar (Gn 2,15)», de modo que «a relação

originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (Gn 3,17-19)» (LS 66). A narrativa de Caim e Abel (Gn 4,9-12) mostra ainda que «o descuido no compromisso de cultivar e manter um correcto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo» (LS 70).

O pecado não é apenas o pecado das origens nem é uma realidade distante de nós, mas «manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza» (LS 66). À luz destas palavras do papa Francisco, podemos entender melhor o sentido daquelas outras: «o Pe. Dehon reconhece, na recusa do amor de Cristo, a causa mais profunda desta miséria humana» (Constituições SCJ, 4).

Em suma, o caminho para superar o pecado e configurar uma adequada consciência ecológica passa por reconhecermos definitivamente que «não somos Deus» e que «a terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS 67). Talvez isto tenha algo a ver com «reparar o pecado e a falta de amor» como exigência que brota da vocação a ser «profetas do amor e servidores da reconciliação» (Constituições SCJ, 7).

José Domingos Ferreira, scj



Conhecer o Padre Dehon

Através dos Escritos Espirituais

OS SINAIS DADOS PELOS ANJOS AOS PASTORES

No seu livro, *O ano com o Coração de Jesus*, o Padre Dehon propõe, para o dia 30 de Dezembro, uma meditação sobre “Os sinais dados pelos Anjos aos pastores”. A contemplação da Humanidade do Senhor, da sua humilhação, das limitações a que Se sujeita têm uma só explicação, o amor. “Somos mais devedores a esta fraqueza do que à potência do Criador.”, escreve o Fundador. E acrescenta: “Não desposou a nossa fraqueza senão para nos revestir com a sua força divina.” No II ponto, O Padre Dehon retira algumas lições práticas para a vida cristã e religiosa. No III ponto, exclama: “Eis o que o amor de Nosso Senhor fez por nós ao vir ao mundo.” E propõe: “Vamos, portanto, com respeito, com amor, com reconhecimento a este presépio. Vamos lá com a compaixão que merecem os seus primeiros sofrimentos, as suas primeiras lágrimas, os seus primeiros gemidos, que são o prelúdio dos grandes sofrimentos da sua paixão.”

Eis o texto:

“Encontrareis um menino envolto em panos e colocado num presépio” (Lc 2,11)

Primeiro Prelúdio: Os anjos falam e indicam-nos como encontraremos no presépio os sinais e os símbolos da mortificação, da penitência e do desapego.

Segundo Prelúdio: Mensageiros celestes, pedi para mim a graça de bem compreender estas divinas lições.

PRIMEIRO PONTO: *O menino divino humilha-se por amor por nós.* - Vinde, adoremos: vamos e adoremos o humilde menino do presépio. A razão nos diz que um menino deitado sobre o feno num presépio nada tem de adorável; mas um anjo fala, é uma voz do céu, é preciso que a nossa voz se incline. Diz-nos que este menino é o nosso Salvador; vamos com os pastores, adoremos

o nosso soberano e o nosso Deus; exprimamos o nosso amor e o nosso reconhecimento a este Salvador escondido sob os véus da infância.

Meditemos nos sinais dados pelo anjo: «Encontrareis um menino». Sim, mas este menino é um profeta e um doutor, que nos vem ensinar que o homem não é nada e que não deve engrandecer-se, quando Deus, que é a própria grandeza, se abaixa por seu amor à humilde condição de um menino pobre.

Aproximemo-nos sem medo: as mãos do adorável menino que repousa neste presépio como sobre o seu trono de amor e de graça, já não estão armadas com raios, mas estão guardadas nos panos e não saem destes laços senão para nos acariciar. Não veremos nos seus olhos infantis nenhum sinal de alteza ou de cólera, mas ao contrário sinais ardentes da sua bondade e da sua ternura. Mesmo



as suas lágrimas são uma prova de que as nossas misérias o tocam e de que não veio neste estado de infância senão para as tomar sobre si e para delas nos libertar.

Consideremos este menino envolvido em panos, parece fraco como os outros meninos e, no entanto, é o nosso Deus todo poderoso. Sim, lá ele é fraco, mas não o é senão porque quis. Ele ama esta fraqueza, porque ela é a prova do seu amor por todos os homens que ele quer salvar.

Somos mais devedores a esta fraqueza do que à potência do Criador. Pelo seu poder, Deus tirou-nos do nada, mas pela sua fraqueza o Menino divino nos resgatou, tirou-nos do pecado, da morte e do inferno. Sem esta fraqueza, não teríamos nenhum direito à herança celeste, nenhuma luz, nenhum socorro para lá nos conduzir, nenhuma graça para o merecer. Não desposou a nossa fraqueza senão para nos revestir com a sua força divina.

SEGUNDO PONTO: Lições de desapego e de pobreza. - Os panos do Salvador devem instruir-nos ao mesmo tempo que nos tocam de compaixão. Condenam o apego que nós temos às comodidades da vida. Nosso Senhor quis fazer disso um sinal sagrado e um símbolo da pobreza, da mortificação e da penitência. Mas estes panos não são uma censura para nós, que amamos as nossas comodidades e que faltamos tão frequentemente à perfeição da pobreza?

Um estábulo, palha, feno, um presépio, eis o palácio de Nosso Senhor, o palácio do Rei dos reis. Eis o leito cómodo e doce onde repousará durante alguns dias o corpo delicado do Menino

divino. Eis a mobília que fará todo o brilho dos seus apartamentos. Eis onde Ele poderá com sua Mãe receber em audiência os três reis, que virão em nome de todos os gentios contrair aliança com Ele. Eis o que deve confundir a nossa delicadeza. Quis sofrer a pobreza, para nos dar o exemplo e nos ensinar que a mortificação é a fonte da graça e da salvação. Acautelemo-nos de que o seu presépio não nos condene um dia.

TERCEIRO PONTO: Lições de sacrifício. - Eis o que o amor de Nosso Senhor fez por nós ao vir ao mundo. É também tudo o que Ele podia fazer numa tão tenra idade, para nos provar toda a ternura do seu Coração por nós, esperando que chegasse a hora dos grandes trabalhos, dos sofrimentos infinitos e da morte cruel da cruz para nos alcançar a vida da graça e a da glória. Vamos, portanto, com respeito, com amor, com reconhecimento a este presépio. Vamos lá com a compaixão que merecem os seus primeiros sofrimentos, as suas primeiras lágrimas, os seus primeiros gemidos, que são o prelúdio dos grandes sofrimentos da sua paixão.

Nosso Senhor encontra ainda os rigores e as tristezas do presépio hoje em muitos tabernáculos abandonados, em muitas igrejas mal conservadas e desertas, em muitos corações que o recebem tão friamente, tão duramente. O estado de alguns corações, que ousam recebê-lo na Eucaristia, é-lhe mais penoso, mais repugnante, mais mortificante do que os panos, o feno e as imundícies do estábulo de Belém. E ainda, se estes corações não fossem às vezes os dos seus amigos, dos seus sacerdotes, dos seus religiosos, que Ele cumulou de graças, que amou com um amor de preferência e que não pensam nisso nem têm por isso nenhum reconhecimento!...

Resoluções. - Senhor Jesus, uno-me aos anjos do vosso presépio para dizer os louvores do vosso Pai e os vossos: Glória a Deus nas alturas! Quero responder ao vosso amor com amor e reconhecimento. Compreendo a lição de desapego, de pobreza, de mortificação, que me dais e quero reformar na minha vida várias faltas que cometo ainda contra estas virtudes.

Colóquio com os anjos.

(ASC p. 600-603)

Através das Obras Sociais

Continuamos a apresentar textos do Catecismo Social Cristão. Hoje, um breve trecho sobre “A Família na vida social”. A família era um objectivo importante na acção pastoral e social do Padre Dehon. Ainda jovem vigário paroquial, em S. Quintino, lançou várias iniciativas em favor das famílias, no âmbito da Obra de S. José: Caixa de poupança, casa da família (orfanato), Sociedade para a construção de casas para os operários, além de outras de carácter cultural, formativo e religioso. Como afirma, “As famílias são a charneira da sociedade, são a sua força.”

A FAMÍLIA NA SOCIEDADE CIVIL

Qual é o papel da família na vida social?

- A família é anterior à vida social. É para o homem um auxílio mais essencial e íntimo que a sociedade civil. É para o homem um lugar sagrado, a fonte da sua vida e seu apoio necessário

A sociedade civil é posterior à família. Ela une as famílias como elas unem as pessoas. Está destinada a ajudá-las, a protegê-las, e a promover o bem. Deve respeitá-las como instituições sagradas que Deus teve o prazer de revestir de um carácter religioso.

A sociedade nada tem a ver com a organização das famílias, encontra-as constituídas pela natureza e pela religião.

As famílias são a charneira da sociedade, são a sua força. A sociedade aproveita das suas

virtudes, da sua disciplina, das suas riquezas, da sua fecundidade.

Desde que agradou a Deus regular directamente a constituição de famílias cristãs, o poder civil deve inclinar-se diante desse facto que se lhe impõe.

A sociedade reúne e protege as famílias como Deus as fez, respeitando a sua autonomia, os seus direitos, as suas relações directas com Deus ou com a Igreja que represent Deus na terra.

Se Deus dá às famílias uma lei de estabilidade, a sociedade deve respeitar essa lei e não diminuí-la. Deve também reconhecer e fazer respeitar a lei de autoridade que Deus estabeleceu na família. Deve favorecer o seu cumprimento (Cf. encíclica *Rerum novarum*, Tomo II, p. 29).

(CSC, nn. 19-21)



Através dos escritos de viagens

VIAGEM À TERRA SANTA

Continuamos a acompanhar o Padre Dehon na sua visita aos Lugares Santos. O Fundador tudo vê com olhos de quem conhece a ama a história, a geografia, a arqueologia, a arte, mas, sobretudo, de quem contempla com fé e amor os passos de Jesus, rumo ao Calvário e à Ressurreição. Sigamo-lo nesse caminho.

O RECINTO FECHADO DO TEMPLO - SEPULCROS DE SAMUEL E DOS JUÍZES

27 de Março. Começamos alguns passeios para ver o conjunto da cidade. Saímos pela porta chamada de S. Estêvão. Mais tarde descobriram-se os restos da Basílica de S. Estêvão, do lado da porta de Damasco. Junto da porta de S. Estêvão, no lado de dentro, uma grande piscina rodeada de arcadas passa por ser a Piscina probática, que foi testemunha da bondade do Senhor para com o paralítico.

Fora da porta começa o recinto do Templo, que nós seguimos a Leste e a Sul até à porta dos Barbarescos. As primeiras bases deste recinto são de Salomão; são grandes e belas pedras, um pouco irregulares, e bojudas. Eram estas pedras que faziam a admiração do Senhor e dos Apóstolos. A parte alta do muro foi refeita pelos Cruzados e pelos Árabes. O recinto do templo fora destruído com o próprio templo, no tempo de Tito, segundo

a profecia de Nosso Senhor. A Leste, também se encontra a Porta dourada, dupla porta arqueada de estilo romano, hoje murada.

De tarde, saímos pela porta de Jafa; desse lado, o recinto é todo da Idade Média. Passamos diante do convento russo. Ai! Essas construções russas acusavam já pretensões de domínio que aumentaram ainda mais desse tempo para cá. Íamos visitar os sepulcros atribuídos a Samuel e aos Juízes. São sepulcros de família, salas cavadas na rocha, com colunas, e um lintel ornado de rosas e de papoilas na frontaria. Será isso muito antigo? Não será da época romana? Parece que além do templo de Salomão, os judeus não tenham tido uma grande arte, capaz de suportar a comparação com o Egipto, a Grécia e Índia e, infelizmente, desse templo, só restam as bases e o pavimento.



OS SEPULCROS DOS REIS - O VALE DE JOSAFAT - GETSÉMANI

28 de Março. Os sepulcros dos Reis, a alguma distância dos sepulcros dos Juízes, são mais interessantes e mais autênticos. Do ponto de vista histórico, bem poucos reis de Judá merecem louvores. Porém, são os antepassados de Cristo e eu inclino-me a pensar que Deus lhes terá perdoado. A igreja costuma representá-los nos seus templos nas árvores simbólicas de Jessé. Do ponto de vista artístico, esses sepulcros, no seu interior, são simples câmaras sepulcrais sem ornamentação, mas a sua fachada tem um cunho particular. O friso apresenta no centro um cacho de uvas entre duas coroas e, aos lados, palmeiras e tríglifos. A entrada, dividida por duas colunas, é rodeada por uma grinalda.

De tarde, visitamos o vale de Josafat. Mal saímos da porta de S. Estêvão, desfrutamos de uma vista imponente. Diante de nós temos o monte das Oliveiras, coroado pela mesquita da Ascensão; a seus pés, o jardim da Agonia, o túmulo da S. Virgem; nas encostas que fecham o vale, à direita, os sepulcros dos judeus apertados como os quadrados dum tabuleiro de damas; à esquerda as dos muçulmanos com uma floresta de estelas em pedra; no fundo da garganta, os sepulcros históricos de Absalão, de Zacarias e dos Profetas. É um imenso cemitério que bem se presta a tornar-se a figura bíblica do palco do juízo universal.

Este vale está cheio de recordações do Salvador; só tremendo de emoção se pode fazer esta visita. Ele passava por aqui para ir a Betânia e voltar. Aqui foi Ele recebido em triunfo. Aqui Ele sofreu a Sua agonia, aqui Ele foi atraído e entregue. Foi aqui também, no alto do monte, que Ele disse adeus aos discípulos para subir aos céus. Eu voltaria várias vezes a ver estes lugares testemunhas de tão grandes mistérios! Eles ficaram-me bem gravados no espírito. A lembrança deles é para mim uma nova ocasião para oferecer a Jesus os actos de amor, de gratidão e de contrição que esses grandes mistérios suscitam. Sinto-me feliz por fazer tantas peregrinações espirituais, ao escrever esta narração.

O sepulcro de Absalão continuou odioso para os judeus; é o sepulcro do filho mau. Lançam-lhe pedras ao passar; fui testemunha disso. Como arte, é uma mistura dos estilos jónico e dórico;

Os sepulcros dos Reis, a alguma distância dos sepulcros dos Juízes, são mais interessantes e mais autênticos. Do ponto de vista histórico, bem poucos reis de Judá merecem louvores. Porém, são os antepassados de Cristo e eu inclino-me a pensar que Deus lhes terá perdoado. A igreja costuma representá-los nos seus templos nas árvores simbólicas de Jessé.

o friso está adornado de tríglifos; a cornija tem um cunho egípcio. Uma espécie de cilindro coroa este sepulcro. Tem alguma analogia com o de Terão, em Agrigento. Há um parentesco evidente entre a arte judaica da época dos Reis, por aquilo que se pode avaliar pelos monumentos que dela ficam, e a arte primitiva do Egipto, da Grécia, da Etrúria. O dórico encontra-se em toda a parte como elemento primitivo.

A quarta parte destes sepulcros é monolítica, é maciça, e não tem escavação. É antes um monumento comemorativo, mais do que um sepulcro. Estes dados adaptam-se bem ao sepulcro de Zacarias. Jesus censurou aos judeus de lapidarem os Profetas, e de lhes construir depois monumentos sepulcrais.

O jardim do Getsémani conta nove oliveiras seculares que a tradição tem por contemporâneas de Jesus. Os Franciscanos têm um piedoso cuidado com estas árvores tão veneráveis. Mais acima do jardim, vêem-se as pedras onde dormiam os Apóstolos; uma coluna indica o lugar do beijo de Judas e a grande gruta da agonia: lugares sagrados que pisamos, tremendo. Faz-nos bem rezar e reflectir aí, especialmente na solidão da manhã ou da tarde. A fantasia facilmente reconstitui aí os mistérios sagrados da Paixão e a alma pode entregar-se às suas impressões e dizer ao seu Salvador todo o seu amor e toda a sua gratidão.

(NHV, pp. 151-157)

EM COMUNHÃO

Sentir-nos Família Dehoniana permite-nos circular, conviver, trabalhar com outros, em lugares e situações diferentes daqueles em que nascemos. E sempre em comunhão de vida, de fé, de missão. Um exemplo concreto é o do Ir. António Silva que, de acordo com os superiores, faz o seu estágio de vida religiosa na Província Dehoniana da Itália do Sul. Recentemente escrevia:

“Como Moisés, após a travessia do mar, cá cheguei à “minha terra prometida”. Os primeiros dias de emigração foram passados num árduo reconhecimento das pedras e mármore de Roma. Aí tive oportunidade de contactar com muitos confrades, mas em especial com os nossos confrades portugueses “emigrados”, a quem manifesto a minha profunda gratidão pelo bom acolhimento que me prestaram.

Escutados os últimos ensinamentos, na audiência geral com o Papa, voltei à “peregrinação” e, aproveitando a boleia do Pe. Ciro, Provincial da

Itália do Sul, parti para Nápoles, onde estive dois dias. A caravana não parou aí, e avançámos um pouco mais até Rende (Cosenza), onde cheguei há precisamente um mês. Nasci entre vales e montanhas e, por isso, para meio de vales e montanhas, fui agora enviado. Não posso dizer que estranhe a geografia, nem tão pouco, por enquanto, o clima. Muito mais tenho a dizer sobre a comunidade ou comunidades que me acolhem, para ser mais correcto. O Pe. Emanuele, o Pe. Mário, o Pe. Luigi e o Pe. Amedeo são os confrades que compõem comigo esta comunidade. Mas, como vos disse, devo usar o plural, na medida em que no outro extremo do terreno há um outro “convento”, o das Irmãs Mestras de Santa Doroteia, Filhas dos Sagrados Corações, que nos auxiliam na missão. As “comunidades” completam-se com a presença de alguns leigos, ajuda indispensável na vida paroquial e na capelania. São, precisamente, a Capelania Universitária e a Paróquia de São Paulo, Apóstolo, o foco da nossa missão. Posso dizer-vos, que estou contente por haver encontrado uma(s) comunidade(s) com um ritmo orante valioso e dedicada(s) à missão que lhe(s) foi confiada. Peço a vossa oração por mim e por todos quantos partilham comigo o tempo e as vidas.”

É assim a Família Dehoniana. Felicidades ao Ir. António Silva.



FESTA NA APEL - FUNCHAL

O dia 18 de outubro foi de festa na Escola da APEL, no Funchal. Celebrava-se o 40º aniversário do início das aulas. Aproveitou-se a ocasião para a abertura oficial e solene do ano letivo de 2018-2019.

Às 10,30, no Ginásio da Escola, houve missa de ação de graças e de invocação das bênçãos de Deus para o novo ano, presidida pelo Sr. Bispo do Funchal e concelebrada por mais 10 sacerdotes, entre os quais o P. José Agostinho de Sousa, Superior Provincial dos Sacerdotes do Coração de Jesus.

Na assembleia, para além de umas três centenas de alunos, com professores e funcionários, destacavam-se algumas pessoas que, na hora da constituição da Associação Promotora do Ensino Livre (A.P.E.L.) e da construção da Escola em módulos pré-fabricados, deram muito do seu amor, saber e tempo, para que o sonho, nascido no Colégio Infante D. Henrique, se tornasse realidade e esse projeto educativo vingasse e crescesse até aos dias de hoje.

Terminada a Eucaristia, por iniciativa da Associação dos Antigos Alunos, houve uma homenagem aos

“Fundadores” da Escola da APEL, que receberam uma “memória”, a que se seguiu a inauguração de uma peça escultórica, da autoria do artista plástico, Diogo Góis, antigo aluno da Escola. Essa peça, representando duas mãos, e evocando os fundadores “que deitaram mãos à obra”, está agora implantada no jardim de entrada, mesmo ao lado da estátua do P. Mário Casagrande.

Já cá fora, no pátio da Escola, cantámos os parabéns e partilhámos do bolo de aniversário, augurando as maiores venturas à Escola da APEL para que continue, mesmo no meio de dificuldades, a lutar pelo seu projeto educativo.

Para além do Sr. Bispo do Funchal e do Superior Provincial SCJ, destacamos, entre outros, a presença da Dr^a Susana Prada, Secretária Regional do Ambiente, em representação do Presidente do Governo Regional, do Dr. Paulo Cafôfo, Presidente da Câmara Municipal, do Dr. Marco Gomes, Director Regional de Educação, representando o Secretário Regional de Educação.

Saliente-se ainda que esta comemoração festiva foi uma iniciativa conjunta da Direção da Escola e da Associação dos Antigos Alunos, o que revela não só a existência de uma relação afetiva e grata dos que por aqui passaram, mas também a vontade de honrar o passado, homenageando as pessoas que o construíram com tanto amor e dedicação.



O ENTUSIASMO MISSIONÁRIO COMUNICA-SE

No passado dia 25 de outubro, às 21 horas, no Seminário Missionário Padre Dehon (Rio Tinto), realizou-se um encontro de partilha missionária dos voluntários dehonianos que este verão foram a Angola.

O padre António Loureiro, superior do Seminário e responsável pelo acompanhamento da Associação dos Antigos Alunos, o Armindo Pinto, polícia reformado e antigo aluno, o José Sobral, professor reformado, e a Marta Bessa, advogada. Estes são os nomes dos missionários que, durante o mês de setembro, se lançaram numa aventura missionária a Angola e que deram o seu testemunho.

Coube ao padre Antonino Sousa abrir o encontro e fazer a apresentação dos convidados, na sala padre Dehon, que contava com a presença de mais de 30 espectadores, entre benfeitores e amigos do seminário ou simples interessados no tema. A partilha missionária começou com a apresentação de um vídeo que mostrava todo o processo de construção do parque infantil, ao longo do mês de estadia em Angola.

Na sua partilha, os missionários frisaram que gostaram muito de realizar esta experiência. Eis algumas das afirmações que se puderam escutar: “tivemos de ultrapassar as barreiras da nossa vida” (padre Loureiro); “as pessoas eram acolhedoras, dando-nos o que lhes fazia falta” (Marta); “vi pessoas que eram felizes com nada”. Além disso, dentre as muitas situações engraçadas que vivenciaram, os voluntários disseram que esta missão mudou algumas coisas neles, a saber: “o sentido básico de necessidade”; “passei a rezar as laudes que não era um hábito meu” (Marta); “eu era um medricas e não sabia que isto era assim. Que forma bonita de mostrar o rosto dos Dehonianos”.

Prolongando-se durante uma hora, a sessão terminou com os voluntários a expressar que “sentiram Deus nesta missão”. Não deixaram de agradecer a todos os presentes e pediram ajuda para poderem voltar a realizar esta experiência para o ano.

Nuno Gomes

seminarista do 11º ano



Os voluntários disseram que esta missão mudou algumas coisas neles, a saber: “o sentido básico de necessidade”; “passei a rezar as laudes que não era um hábito meu” (Marta); “eu era um medricas e não sabia que isto era assim. Que forma bonita de mostrar o rosto dos Dehonianos”.

COMPANHIA MISSIONÁRIA DO CORAÇÃO DE JESUS

Cinquenta anos de presença em Moçambique

Hoje, festejamos cinquenta anos de presença da CM em Moçambique. Era o dia 15 de Agosto de 1968, quando a Teresa Castro e a Maria Ilda Candelária desembarcaram em Quelimane, rumo à Alta Zambézia, Milevane, seguidas pela Lisetta Licheri, ainda presente e muito dinâmica, que veio completar o grupo. Depois destas, cheguei também eu e outras que trabalhamos em Namarrói. Este é um dia de agradecimento a Deus, que nos guiou e guia no nosso quotidiano, e a todos quantos nos acolheram e ajudaram a crescer como mulheres e como missionárias. Fomos chamadas pelos padres dehonianos a dar a vida e a nossa presença nesta terra. Com eles partilhamos a espiritualidade que recebemos do P. Albino Elegante, também ele um padre dehoniano, que fundou a Companhia Missionária, em 1957. Chegamos a Moçambique com fervor missionário e com a efervescência da juventude, decididas a dar a nossa vida para a inculturação do Evangelho no coração de cada moçambicano. Por amor do Evangelho, enfrentamos o árduo caminho da inculturação, o ABC da língua lomwé, via indispensável para a comunicação da Palavra de Deus e da relação com as pessoas: em primeiro lugar, os catequistas, as mulheres, as famílias e as comunidades. Aprendemos a apreciar os pratos típicos de Moçambique: xima, galinha à cafre, o

feijão cute, e nhemba, a saborosa intíqua, a formiga muxen e tudo o que as comunidades e as pessoas nos ofereciam. Tudo era caminho para evangelizar e testemunhar o amor do Coração Trespasado que nos animava. Com os Padres Dehonianos, fizemos o estágio da vida missionária. Com eles, seguindo o que o Espírito ia sugerindo, enveredamos pelo caminho da transformação de uma Igreja de poder para uma Igreja de serviço, família e ministerial. O vento da Independência não nos assustou e, respondendo ao nosso carisma, que nos quer inseridas no mundo para transformar as realidades sociais com a força do evangelho, inserimo-nos nos sectores mais fragilizados: Educação; Saúde; formação dos que eram envolvidos nos movimentos de massas; as mulheres (OMM) e os jovens (OJM). Mantivemos, contudo, um grupo em Namarrói como lugar de oração, confronto, partilha e de programação da nossa vida. Celebrar cinquenta anos... Esta recorrência celebra dois inícios: a sementeira e a colheita. Acolheita diz respeito ao enriquecimento do nosso ser mulheres consagradas que vivem lado a lado com os/as irmãos/ãs, partilhando sonhos, alegrias, dificuldades e esperanças que habitam no coração humano. Aprendemos a conjugar, à maneira moçambicana, o nosso carisma nos seus aspectos fundamentais: o acolhimento, a escuta,



a partilha... e a viver o amor e a oferta de nós mesmas, no abandono a Deus, com serenidade e simplicidade. Aprendemos a ser Igreja que procura servir para que o Reino de Deus se realize em todos os recantos desta sociedade, gerando paz e reconciliação. Agradecemos a Deus que nos torna fecundas, dando-nos o “vinho novo” de jovens consagradas e vocacionadas que dão um rosto moçambicano ao Instituto Secular CM. A elas entregamos uma espiritualidade e um carisma, para que este “vinho” tenha sempre o sabor dum bom “vinho”... e possa continuar a animar os corações das pessoas que com elas se cruzam no seu dia-a-dia. Às missionárias moçambicanas, às jovens, a este “Vinho Novo” ... fazemos a entrega do Testemunho. Nós procuramos traçar o caminho, não foi um caminho recto nem perfeito, é um caminho que se realizou com muitos sobressaltos, mas é um caminho que procuramos na humildade, na fidelidade ao carisma e ao Espírito de Deus, que em cada momento nos precedia com a sua luz e a sua presença. Hoje, entregamo-vos a espiritualidade e o carisma, com a certeza de que “continuareis a olhar com criatividade os tempos novos e a conservá-los até a plena fermentação” (cf. “Para vinho novo odres novos”). Não a encontráreis em livros, a nossa história e o que vivemos, mas no coração das missionárias que vos precederam. Elas podem narrar, à maneira dos velhos, o que viveram e enfrentaram para que possais orientar a vossa vida, para a inserção do nosso carisma no coração da Igreja e do Povo moçambicano. Nascemos para servir, para “ser ponte de encontro” dos irmãos com Cristo; ponte de reconciliação e de escuta do grito dos pobres. Confio esta Entrega do Testemunho a Maria, Mãe, Guia e Guarda da Companhia Missionária, para que nos ajude a conservar esta boa “Otheca”(bebida fermentada) no seu coração e para que tenha uma boa fermentação de tal maneira que os vizinhos e os que passam se sintam convidados a saborear e a participar na alegria da festa. Os meus parabéns a Lisetta, a todas as que trabalharam em Moçambique e a cada uma de vós, jovens consagradas e vocacionadas. O meu abraço sincero e afectuoso.

Maputo, 12 de Maio de 2018

Irene Ratti, CM



Nascemos para servir, para “ser ponte de encontro” dos irmãos com Cristo; ponte de reconciliação e de escuta do grito dos pobres. Confio esta Entrega do Testemunho a Maria, Mãe, Guia e Guarda da Companhia Missionária, para que nos ajude a conservar esta boa “Otheca”(bebida fermentada) no seu coração e para que tenha uma boa fermentação de tal maneira que os vizinhos e os que passam se sintam convidados a saborear e a participar na alegria da festa.

CINQUENTENÁRIO DO SEMINÁRIO MISSIONÁRIO PADRE DEHON EM FÂNZERES

Neste dia 15 de outubro, no Seminário Missionário Padre Dehon, celebraram-se os 50 anos da entrada dos primeiros seminaristas. Felizmente, estiveram presentes dois deles - o padre Manuel Barbosa e o senhor Aquiles - que nos acompanharam durante a totalidade dos festejos. Além destes, associaram-se ainda o padre José Agostinho Sousa e vários membros das comunidades dehonianas de Aveiro, da Boavista (Porto) e de Betânia (Paredes).

Às 19 horas, teve início a eucaristia, presidida pelo padre Manuel Barbosa e com a presença de vários amigos, benfeitores e antigos alunos deste seminário. Na sua homilia, o celebrante recordou os bons momentos que passou nesta casa e referiu que este seminário foi essencialmente “uma casa de oração”.

Uma hora depois, veio o jantar, que conheceu momentos muito bons de convívio e alegria entre os cerca de 70 participantes. No seu discurso, o Superior Provincial, padre José Agostinho, fez um agradecimento a todas as pessoas que trabalharam e continuam a trabalhar para o bom funcionamento desta casa. Posteriormente, o superior do seminário, padre António Loureiro, entregou uma

Às 19 horas, teve início a eucaristia, presidida pelo padre Manuel Barbosa... Na sua homilia, o celebrante recordou os bons momentos que passou nesta casa e referiu que este seminário foi essencialmente “uma casa de oração”.

lembrança aos festejados presentes: uma garrafa de vinho do Porto, preparada especialmente para esta data, com a cruz dehoniana e a assinatura de todos os religiosos dehonianos presentes nesta festa. O padre Loureiro enfatizou ainda que o seminário estará sempre de portas abertas para os que precisarem dele.

Nuno Gomes

seminarista do 11º ano do SMPD



TURMA CELEBRA 25º ANIVERSÁRIO DA ENTRADA NO SEMINÁRIO MISSIONÁRIO PADRE DEHON

No passado dia 12 de outubro, com o apoio da Associação dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Pe. Dehon (AAASMPD), realizou-se um encontro/convívio entre os alunos da turma 1993/1996, para comemorar o vigésimo quinto aniversário de entrada neste Seminário. Neste reencontro, estiveram presentes vinte e cinco elementos (o formador, o Pe. José Agostinho, e 24 dos 32 seminaristas que entraram a 19 de setembro de 1993).

Este encontro iniciou-se com o acolhimento, por volta das 20:30. A primeira reação foi a de reviver e recontactar com aqueles que partilharam a mesma experiência de vida. Após o acolhimento, encaminhamo-nos para a Capela do Seminário para um momento de oração, de partilha e de ação de graças pelo toque de Deus na vida destes homens ali presentes, bem como àqueles que, por motivos pessoais, não se puderam juntar. Este momento de oração foi presidido pelo único sacerdote dehoniano desta turma que Deus chamou para o trabalho na Sua messe, o Pe. José Domingos. Concomitantemente houve a partilha de um testemunho acerca da experiência no seminário e que é aqui parcialmente transcrito:

“Ser seminarista dehoniano marcou (e continuará) a minha vida, a minha personalidade, a minha forma de ver o mundo. Primeiramente porque foi uma experiência de amadurecimento humano a nível pessoal, social, psicológico e espiritual. Em segundo lugar, a partir de uma afirmação de um formador (“mais vale um bom leigo a um mau padre”), constatamos que a missão deste seminário foi a de formar homens. O fruto desse trabalho pode ser medido pelo papel ativo e relevante nas comunidades paroquiais em que estão inseridos. Ou seja, são capazes de se darem aos outros, aplicando a oblação que o Pe. Dehon procurou que fosse o centro da vida dos religiosos dehonianos. Em terceiro lugar, este Seminário é sentido como sendo a nossa casa e a prova disso é a presença de quase todos os seminaristas desta turma.

Em suma, ter entrado para o Seminário foi uma oportunidade que Deus nos deu para crescer como



seres humanos, de sermos semente boa para a seara do Senhor e sentir esta casa também como nossa, pois muitas das recordações da adolescência foram passadas nesta casa. Para finalizar apenas um agradecimento ao Pe. Fernando Ribeiro pelo papelzinho naquela aula de EMRC. Esse foi o bilhete para se poder ser melhor ser humano neste mundo.”

Após este momento dirigimo-nos para o refeitório para podermos confraternizar e reconfortar, ao mesmo tempo, o estômago. Muitos antigos episódios foram lembrados, muitas gargalhadas surgiram. Depois veio a reportagem fotográfica para aumentar o saudosismo que sempre existe e as aventuras vividas. Para finalizar, e antes de serem sopradas as vinte e cinco velas, o Presidente da AAASMPD, o colega de turma Hugo Manuel, congratulou-se quer pelo dinamismo desta turma na associação e que mais se possam juntar, quer pela disponibilidade e colaboração do superior do Seminário Pe. Dehon, o Pe. Loureiro, para a execução deste encontro. Foi reforçado que a presença destes antigos seminaristas mostra que sentem esta casa como sua e que estará sempre aberta.

Luís Filipe Moutinho do Couto

seminarista nos anos 1993-1996

ENCONTRO DE PRÉ-SEMINARISTAS

No passado dia 7 de outubro, no Seminário Nossa Senhora de Fátima - Alfragide, reencontraram-se alguns jovens vocacionados para dar início a um novo ano, com o tema: Vocação e Missão, inserindo-se, assim, no Ano Missionário proposto pelo Papa Francisco.

Aos poucos foram chegando ao Seminário. Pelas 12h00 participaram na Eucaristia, no Oratório do Seminário. Alguns ajudaram, como acólitos, no serviço ao Altar.

Seguiu-se o almoço, encontro amistoso e fraterno, onde partilharam as suas aventuras do verão passado e os começos atribulados na escola. Depois, foi o momento do desporto, fazendo-se notar as diferenças técnicas em relação ao ano passado.

Logo depois, reuniram-se com o Pe. Paulo Coelho, responsável pelo Pré-Seminário, para refletir sobre dois textos evangélicos: o encontro de Jesus com a samaritana e a cura do funcionário real. Seguiu-se mais um intervalo, onde se fez notar a camaradagem já típica destes pequenos encontros.

O religioso Amaro Pestana, juntamente com o religioso Carlos Araújo, deu o seu testemunho vocacional. Abriu-se um espaço para perguntas e esclarecimentos. Após muitas interrogações, estes jovens foram convidados a refletir sobre a sua própria vocação e a perspetivar o futuro que se avizinha. Deu-se um espaço de partilha, onde

**Fica no coração
destes jovens o
desejo de continuar
a discernir sobre a
vontade de Deus a
seu respeito.**

cada um procurou envolver-se mais na dinâmica do pré-seminário. Logo depois, reunimo-nos todos na capela para um momento de oração e de ação de graças por este dia. Após uma reforçada merenda, partiu cada um para sua casa.

Fica no coração destes jovens o desejo de continuar a discernir sobre a vontade de Deus a seu respeito. Esperamos todos, agora, o próximo encontro, agendado para o dia 11 de novembro, domingo.

Fica o convite aberto aos jovens interessados em querer ser acompanhados no aprofundamento e discernimento da sua vocação. Com esse fim, o Seminário de Alfragide está disponível, põe-te em contacto connosco!

J. Amaro Pestana, scj



in memoriam



Pe. José Diomário Gonçalves **Missionário Dehoniano**

O Pe. José Diomário Gonçalves nasceu a 22 de Agosto de 1932, no Funchal, sendo baptizado a 28 de Outubro do mesmo ano, na Igreja de S. Pedro, e crismado na de Santa Maria Maior, a 18 de Maio de 1945. A sua família residia habitualmente na freguesia do Campanário, na Ribeira Brava.

Quando os Padres Dehonianos abriram o Colégio Missionário, no Funchal, em Outubro de 1947, José Diomário foi um dos primeiros 10 seminaristas e candidatos a missionários.

Depois de alguns anos de estudo, no Colégio Missionário, no Funchal, os superiores orientaram-no para ser irmão cooperador. Fez o noviciado em Albissola Superiore, em Itália, vindo a professar a 29 de Setembro de 1953, Fez a sua profissão perpétua a 29 de Setembro de 1956, no Colégio Missionário, no Funchal.

Depois de um ano na comunidade da Igreja do Loreto, em Lisboa, o Ir. José foi enviado para a Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Aveiro. Aí desenvolveu um importante serviço de testemunho religioso e de animação do pequeno seminário. Ensinava música e canto, preparava as celebrações litúrgicas, preparava presépios, enfeitava a casa para as festas, ensaiava teatro, cuidava do jardim com os seminaristas. Dava algumas aulas,

fazia assistência nos estudos e nos recreios, acompanhava os seminaristas nos passeios. Fazia tudo com grande empenho e entusiasmo.

Quando se pensou fundar o Seminário Padre Dehon, no Porto, o Ir. José foi enviado para lá, a fim de preparar a casa da antiga creche da fábrica dos ingleses, à Avenida da Boavista, para receber os primeiros seminaristas. O Ir. José passou várias privações nesse período, chegando a dormir no chão. Durante o dia, percorria as casas religiosas de irmãs, e as casas de alguns benfeitores, à procura de tudo o que era lhe parecia útil para o novo seminário. Recebeu um altar e diversas alaias litúrgicas, móveis e algum dinheiro. O Seminário Padre Dehon, então baptizado Escola Apostólica Padre Dehon, abriu em Outubro de 1958.

A 7 de Setembro de 1963, partiu como missionário para Moçambique. Aí continuou o seu ministério no Seminário de S. Francisco Xavier, em Milevane, na Zambézia e, depois, na casa de formação dehoniana de Lourenço Marques (hoje, Cidade do Maputo). Por volta dos anos 80 do século passado, retomou os estudos para ser ordenado sacerdote. A ordenação diaconal ocorreu a 7 de Outubro de 1984, e a sacerdotal a 8 de Dezembro de 1985. Em 1986 foi para Roma, onde fez um ano sabático. Regressado a Moçambique continuou a trabalhar como director espiritual no seminário do Bairro do Fomento (Matola) e a servir algumas paróquias, tendo mesmo sido pároco de uma delas, nos arredores do Maputo. Em 2010, esteve de férias em Portugal, preparando com o entusiasmo a celebração do 25º aniversário da sua ordenação sacerdotal, que ocorreu a 8 de Dezembro do mesmo ano. No verão de 2011, já muito doente, veio novamente a Portugal. Queria regressar a Moçambique. Acabou por falecer a 23 de Outubro de 2011, vítima de uma pneumonia.

O Pe. José Diomário tinha um profundo espírito dehoniano e muito amor à Congregação. Toda a sua vida colaborou na formação de religiosos e sacerdotes, animando muitos na perseverança na própria vocação. O seu zelo apostólico e missionário era muito grande. A sua simplicidade, a sua disponibilidade, e a sua criatividade granjearam-lhe muitos amigos e colaboradores em todos os lugares por onde passou.

Fernando Fonseca, scj